



A caravela de prata offerecida pelos monarchicos de Lisboa ao Senhor D. Manuel de Bragança

(Magnifica obra executada nas officinas dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso . . . . .	60

## Modo de ajudar á missa

Destinada ás catecheses  
da Doutrina Chistã

Acaba de publicar-se este folheto,  
cujo preço é de 20 réis.

Vende-se na administração da «Il-  
lustração Catholica».

## TINTURARIA

DE

⊘⊘ TODAS AS CORES ⊘⊘

(A mais antiga de Braga)

147, Rua da Cruz de Pedra, 151

BRAGA

Tinge, segundo os processos mais  
modernos e aperfeiçoados:

DAMASCOS,

OPAS

E QUAESQUER SEDAS

Lavagem de roupas

Recebe e expede qualquer encommenda pelo  
correio.

## O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS

E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda  
catholica contra as falsas doutrinas  
de Lutero

Um volume com cerca de 100  
paginas em edição de luxo, 60 rs.  
A mesma obra em edição po-  
pular. . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um des-  
conto de 20 por cento em todos os pe-  
didos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da res-  
pectiva importancia e porte do cor-  
reio, devem ser dirigidos ao editor

**Padre Antonio José de Carvalho**

Rua de Santa Margarida, 9—Braga  
ou á administração dos «Echos do  
Minho», Rua dos Martyres da Repu-  
blica—Braga.

# Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas.

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para  
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despesa.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista literaria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

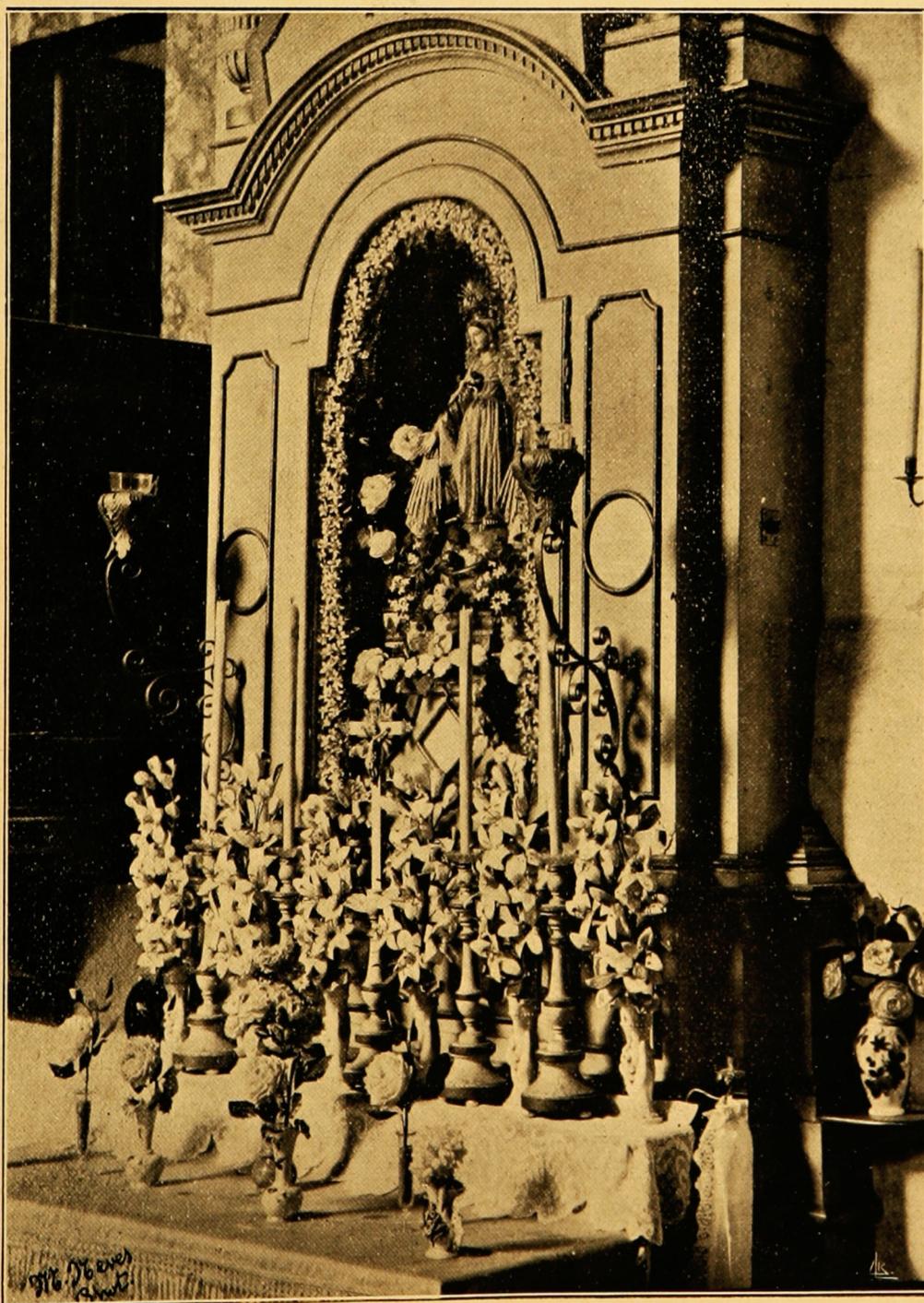
EDITOR  
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 15 — Anno I



BRAGA—Capella das Convertidas. O altar de N. Senhora das Graças

# Chronica da semana

XV

**L**EMBRAM-SE os senhores d'aquelles tempos em que os jornaes gemiam sob a tinta das parangonas vehementes, estremecendo em raivas patrioticas, indicando ás massas o recinto dos comicios como refugio bemdiçoadado em que a sua colera se poderia expandir pelas gargantas, anathematisando a tyrannia?

Por um phenomeno explicavel na ordem politica, tal expediente desapareceu da imprensa republicana. O comicio da opposição em Algés vinha anunciado em modesto aviso, como um facto deslocado, excepcional, *demodé*, no scenario das batalhas politicas portuguezas de nossos dias. Elle serviu apenas para avultar ainda mais o premio de desillusão que a republica offerece aos seus soldados. A exclamação de Affonso d'Albuquerque ao receber as espadas, como galardão das victorias que a sua alcançara para lustre da corôa, repete-se com persistencia pelos seculos fóra como consequencia inevitavel de todos os sacrificios, quando a ingratição ou a ambição dos homens encontra azo para mostrar-se.

E todavia o comicio constituiu pela sua frequencia, vivacidade, e até pelo seu pittoresco, uma das armas mais utilizadas por opposições e governos portuguezes nos ultimos annos.

A realidade desbotou os enthusiasmos, e deshabituou-nos de taes espectaculos. Os tribunos de hontem tornaram-se em coisa muito peor, que são os estadistas de hoje, e ás apostrophes sangrentas que incendiavam, substituiram-se as meias-tintas com que os detentores do poder rebocam as ideias, e as pasquacices dictas com ar emphatico.

Outros tempos, outros costumes,—maxima verdadeira, cheia de actualidade, como vem de provar-se na infamia enlodada em escorrencias de alcouce, que certos pretensos sacerdotes do jornalismo atiraram aos recém-casados de Sigmaringen. Até a delicadeza se perdeu entre os escombros e o fragor da derrocada!...

Todo este desfalque moral, muito maior e mais perigoso do que o material, advém-nos em linha recta do amargurado desalento que nos innoita.

Nós atravessamos talvez a crise de pessimismo mais aguda dos ultimos tempos. A propria juventude aproveita a dôr das suas feridas d'alma para murmurar pesadas lamentações, e parece que a esperanza, o seu mais ridente sonho, aquelle desprendimento feito de alegria sã que é muitas vezes germen de rasgos heroicos, se dilue e liquefaz em lagrimas.

Todo um côro de desenganos nos atrôa, e vem crescendo das paginas dos jornaes para as dos livros, das conversas particulares, fugidias impressões de momento, para os discursos e as conferencias.

Fallam os velhos pelas asserções dos moços, e

estes comprazem-se em dar-se apparencias de decrepitos.

Nós fomos sempre um povo atreito a melancolias, mas a falta de fé, de coragem sadia, acabou-nos d'uma forma doentia. Urge sahir d'ella.

O desalento é a atmosphaera da subserviencia, o ambiente favorito da cobardia, o melhor cumplice dos tyrannos.

Vermitando-nos o coração, impede ao mesmo tempo que o paiz se unifique, que as suas energias se adunem, e faz morrer nas gargantas as vibrações dos canticos audazes.

Diz o dictado que demasiado riso é falta de sizoz, mas é mais proprio dar tal significado á demasiada tristeza, e n'isto vamos acompanhando a velha regra de que os exagêros se tocam...

Perguntava Chateaubriand:— porque anda tão alegre e alvoroça a infancia, e a velhice porque anda tão melancolica e abatida?

E respondia:—é porque á infancia ignora tudo e a velhice tudo sabe!...

Ora, as nossas gerações juvenis contrariam precisamente a natural explicação do grande escriptor.

Que sabem ellas?

Nada. A vida corre-lhes instavel, bem sabemos. Acordaram aos bramidos da tormenta, e quasi poderiam exclamar:— esta epocha não nos pertence!

Mas é, precisamente, porque estes tempos não vão propicios ao desbotoar do seu sangue e das suas flôres... que ellas tudo ignoram. Porque a velhice ainda pôde trucidar a esperanza, fazendo-a estorcer-se nas ferreas tenazes da sua experiencia, ainda pôde dizer ao mundo novo que lateja nos flancos do velho mundo: não me seduzes, já sei tudo!

Mas a juventude, não. Ella não pôde justificar o desanimo pelo que vê, porque não tem conhecimento d'elle. A juventude não pôde reduzir-se á estreita situação d'essas moscas varejas que, encerradas em casa, zumbem infatigaveis contra as vidraças das janellas; vêem o céu, a luz e o ar, a liberdade; caminham doidejantes para ellas, mas encontram pela frente o illusorio vidro, de cuja existencia não suspeitavam, e contra o qual renovam seus assaltos inultos, sempre sonhando o sublimel!...

Deixemos os velhos carpindo sobre as folhas mortas que dançam macabras a ronda dos sepulchros!

Salvemos a alegria, a esperanza, a coragem heroica, a audacia revolta das gerações novas, ensinamol-as a amar a propria vida como um formosissimo dom de Deus, para que os seus sorrisos de pavor amarulento volvam em outros tantos de colorida e sanguinea fé.

... E ainda quando a provação não cêda á paz, ella, a juventude, preitejando a Deus, e elevando a Patria, morrerá a cantar... por amor de ambas!...

F. V.

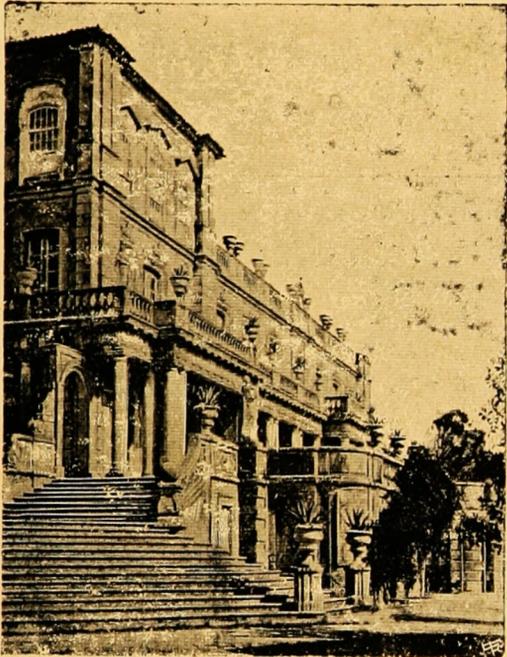


# Arredores de Lisboa



## PALACIO DE QUELUZ

E' um dos mais bellos edificios de Portugal. Enorme, situado n'um esplendido local, tendo em volta um enorme jardim (quinta) de deliciosas sombras e agradaveis caramanchões que convidam ao descanço é um dos pontos preferidos por nacionaes



Palacio de Queluz

e estrangeiros que vão admirar o bello palacio da antiga cõrte portugueza.

*Historia:* Em 1667 habitou o palacio o infante D. Pedro tendo alli urdido a conspiração de que resultou a abdicação de D. Affonso VI e a fugida

MO

da rainha D. Maria Francisca de Saboia. O que de resto parecia o palacio fatidico para esses casos pois que tambem foi lá que a rainha D. Carlota Joaquina urdiu quasi todas as suas espantosas intrigas não só de familia, como politicas.

Foi seu architecto Matheus d'Oliveira que construiu a fachada principal que lembra o sumptuoso Versailles.

*Descrição:* Em estylo Luiz XV, puro, os seus salões, alguns bastantes arruinados ainda conservam restos das antigas bellezas que os ornamentavam. Da sala dos espelhos, sendo todas as suas paredes e pilares forradas de magnificos espelhos hoje muito detiorados, segue-se o antigo quarto de dormir de D. Luiz, *toilette* que foi de D. Carlota Joaquina e mais tarde, alcova de D. Maria Pia. Passando-se pelo chamado *quarto do somno* vae-se ao bello quarto de D. Quixote onde existe a cama de ferro, vulgar, onde morreu D. Pedro IV. Tem no tecto e paredes bellas pinturas allusivas ao romance de Cervantes.

Nos bellos jardins ha encantadores grupos em marmore, muitos bustos collocados em bons plynthos de pedra e uma lagoa forrada de valiosos azulejos. Obras importantes se estão alli fazendo para restaurar a magnifica sala do throno e outras.

Emfim um *Eden* perfumado e delicioso onde a cõrte gosava um agradavel descanço em estação de verão, e as delicias dos romances amorosos e cavalheirescos.

## Monumentos de Lisboa

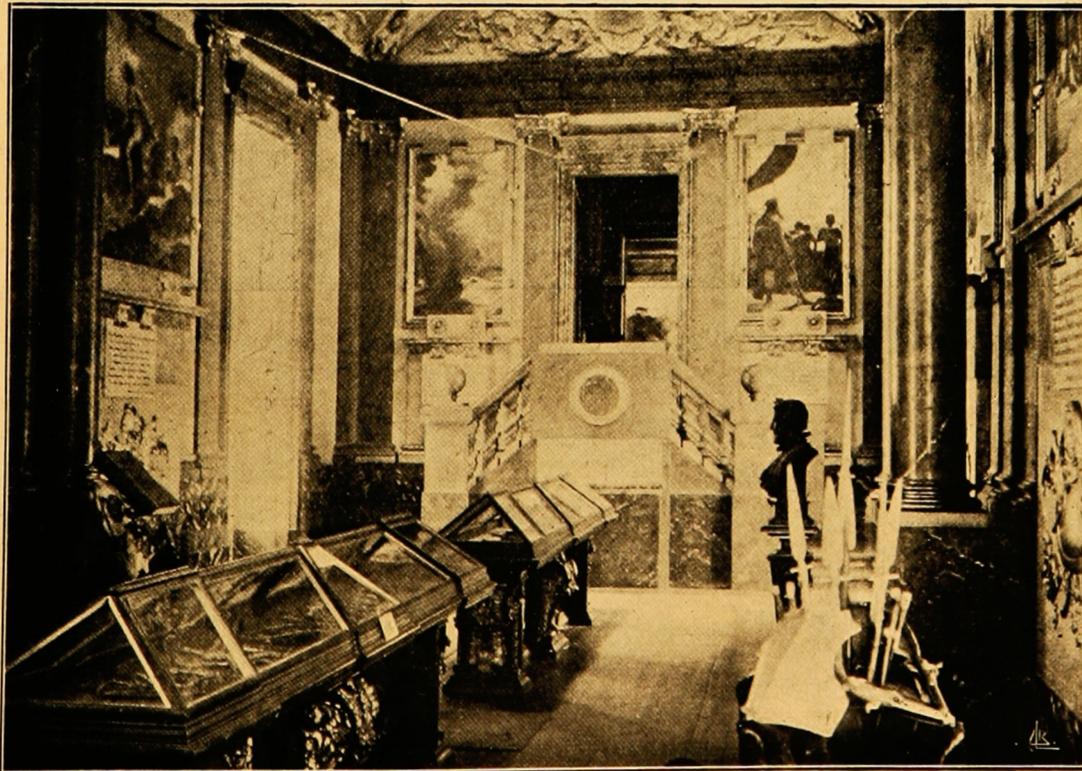
### Museu d'artilharia

A *Sala Camões* do museu d'artilharia de Lisboa tem um aspecto grandioso e é uma das melhores do grande edificio.

Nas paredes bellos quadros de Collumbano todos inspirados no grande poema — os *Lusiadas* — «Venus defendendo os Portuguezes no concilio dos Deuses», Ignez de Castro exorando D. Affonso IV», «Despedida dos Navegadores na praia do Restello» etc.

Tem um busto em bronze do grande epico, igual ao que está na gruta de Macau; a edição manuscrita dos «*Lusiadas*» dois bellos quadros de Condeixa «O Adamastor» e «O Gama avistando o Cabo»; etc. etc. J. M.

MO



Museu d'artilharia—Sala de Camões



# SUPERAVIT

(VARIAÇÕES)



**P**ORQUE se me mette pelos olhos em toda a parte o mafarrico do *superavit*, já lhe ganhei mal e não pequeno. Rabujices de velho, sim senhores, mas nem assim menos birrentas. Aos pobres latins, escorraçados das escolas, não lhes sorri melhor fortuna pela imprensa periodica.

E não é por os não quererem lá; ao contrario, por o não quererem em demasia é que será o erro.

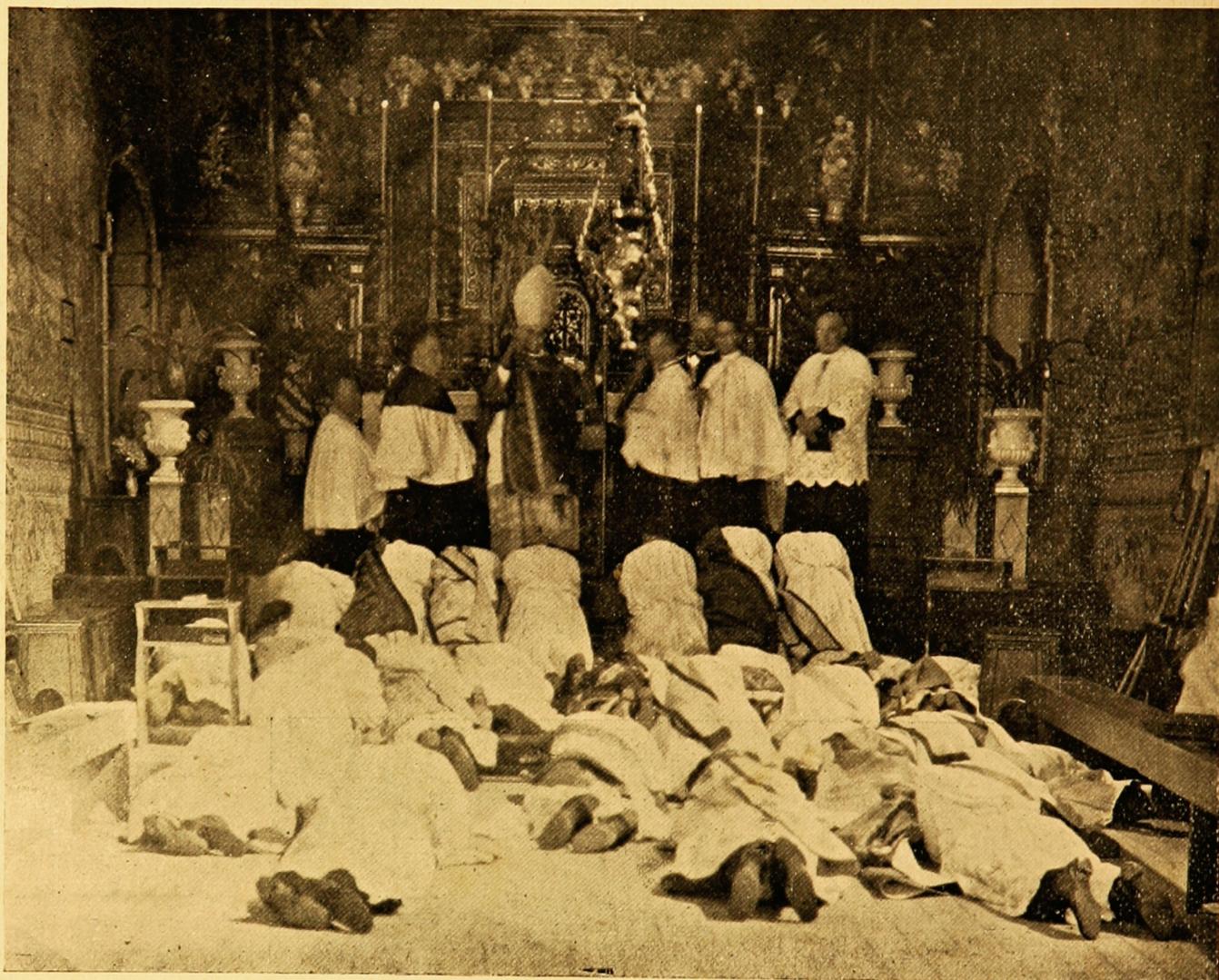
do o perfume. D'outra maneira seria usar as luvas que a mãe deu a cada um.

Tambem o latim, coitado d'elle! de tão usado e amarrotado por mãos impiedosas, até mette pena.

Agora todos derriçam no *superavit*, o qual por geito ou por força tem de morrer contra o pobre do *deficit*, que nunca lhe fez mal nem podia.

E' facil de perceber: Se o *superavit* (sobras) exprime abundancia no tempo passado, que tem lá isso com o *deficit* (faltas) que é penuria no presente? Então ninguem mais poderá ser como «Pedro Cem que já teve (*superavit*) e agora não tem» (*deficit*)?

Oh senhores! Se até «com aguas passadas não moem moinhos», como arranjaremos em nossos dias este phenomeno da providencia financeira, de



BRAGA—O Snr. D. Francisco, venerando Bispo de Lamego, conferindo ordens sacras na igreja do Seminario

Caso raro sahir escorreita, das mãos dos srs. compositores de gazetas, uma phrase latina; muito raro mesmo.

E comtudo não cessam de injectar latim por aqui e por acolá, não só os amadores de jornalismo nas horas vagas, até os proprios jornalistas de officio.

Elle dá sua graça á composiçãõ, dá um certo ar de distincção aristocratica como um par de luvas perfumadas. Convirá mesmo assim, para o effeito desejado, que pouco uso tenham as luvas e delica-

uma fartura *passada* não curar a *lazeira presente*?

E' assim que se ha-de matar a fome, relembrando a edade de oiro? Assim não fez, muito o contrario, o «filho prodigo», buscando a casa paterna para tirar o ventre de miserias. Passou do *superavit* ao *deficit*, para voltar de novo... ao *superavit*? —não, ao *superat*; que o outro não valia duas cascas de alhos, liquidado em pouco tempo como se viu.

Como querem os senhores agora com um *superavit* arrepanhar o *deficit*, se até as 7 vaccas gordas



(*superavit*) do sonho de Pharaó, ao sahir do rio tão lusidias e trementes as carnes que era mesmo um louvar a Deus, foram devoradas pelas 7 magras e esqualidas (*deficit*)?

E depois considerem que supposto o *deficit* gramaticalmente tenha carinha de rapaz do nosso tempo na sua qualidade de *presente* do verbo *deficio*, biologicamente é mais velho que o irmão *superavit*, nado e baptisado aqui ha dois dias.

E sendo mais velho, não cede ahi com duas razões os direitos de primogenitura. Para nossa maior quesilia, ainda em cima sempre velho e sempre moço, o tratante!

Ahi vai prova:

Haverá ahi uns 50 annos ou mais, uma tarde

idéa, que sempre anda no *deficit* como aspiração, mas o Moraes—Deus lhe fale n'alma! não era capaz de perpetrar semelhante... achado, digamos assim. Que não diria elle se lh'o apresentassem assim tão mal vestidinho, tão fedelho e já com figados de tigre para matar o *deficit*! Era um pagode, pela certa...

—Mas então?

\*

Mas então, para que se os dois campeões encontrem apostados no campo aberto, faz mingoa comparecer frente a frente, como quer a lei da cavallaria; ou ser *actualisados*, avançando para o «presente» o *superavit* na fórmula de *superat* ou se tal se



LAMEGO—Grupo de creanças da catechese da freguezia da Sé

(Cliché do phot.amad, sr. Annibal Rebello).

em que, no adro de Guadalupe em Braga por ali enxameava a colmeia escolar para *juízo* de novatos, um dos *advogados* não sei já porque atalhos trouxe á balha o *deficit*, e tão bem se houve na explanação do exdruxulo palavrão e com tanta graça e pilheria que *juiz*, *delegado*, *advogado*, *testemunhas*, *réus* e o respeitavel publico em pêso desatou em applausos irreverentes, intercalados de risos e ápartes subversivos até darem com o tribunal em pantana. No fim o orador (era o Moraes, da Povoia de Varzim) foi cumprimentado pelos seus numerosos ouvintes e ali mesmo ganhou as esporas d'ouro da eloquencia franca senão tribunicia, ficando desde então a ser conhecido pelo Moraes—*deficit*, ou simplesmente *Deficit* com *d* maiusculo.

Ha 50 annos e pico, notaram bem? Pois do *superavit*, nem palavra! Não é que não existisse a

póde, recuando ao «passado» o *deficit* com a gravidade de um *defecit* (1).

Em pouco está o remedio: um *e* no lugar de um *i*, e fica salva a patria e a gente socegada.

Quem seria então o inventor d'esse enguiço do *superavit*, que me tem azoinado os ouvidos d'alma? O pae da creança todos conhecem; que elle proprio baptizasse, não é liquido nem curial. Inclino-me antes a que esse officio o tenha desempenhado algum dos numerosos assessores que nunca faltam aos grandes homens.

Fiquemos por aqui, e se houver logar irá o resto.

FREI MARTIM CATURRA.

(1) Notem os srs. compositores: *defecit*, não *deficit*. Tem um *e* na segunda syllaba que lhe dá muita graça.)



# SOROR Santa Clara



H! minha Irmã, como estou contente por a ter encontrado. Não sabia a grande desgraça que acaba de acontecer na cidade?...

—Não, foi uma das suas filhas, a quarta ou a quinta, com um rosto tão bonito como o seu, Irmã.

Esta purpurisou-se e, por occultar a sua confusão, fez um leve movimento de impaciência, logo percebido pela sua interlocutora.

—A rapariga, hontem, approximou-se da lampada de alcool sobre a qual sua mãe punha a aquecer o *biberon* para o mais novinho e...



SERNANCELHE—Grupo das creanças da freguezia de Arnás (Beira) que ultimamente receberam a 1.<sup>a</sup> Communhão

Assim fallava uma mulheraça obesa, sordidamente entrajada de farrapos, deante d'uma rapariga, linda como as Virgens de Rubens, o rosto meio coberto por largo chapéu, e uma longa capa, de religioso feitio, descendo dos hombros.

—Que foi então? perguntou a gentil menina, n'uma voz doce e musical?

—Foi em casa da snr.<sup>a</sup> Martin. Sabe, aquella que tem tantos filhinhos que até causa desolação vêr uma tal ninhada.

—Deus abençôa as grandes familias!

—Felizmente... se não fosse isso... dos homens pouco havia a esperar... A prova é que elles expulsaram a Irmã do hospital, onde fazia tanto bem aos pobres d'este mundo. A esta evocação de tão amargo quadro, a secularisada teve um suspiro, mas, retomando o fio das perguntas, continuou:

—A snr.<sup>a</sup> Martin cahiu de cama?



O dignissimo arcepreste de Tarrouca que presidiu á festa da 1.<sup>a</sup> Communhão.

(Clichés do amad. sr. Ayres A. Gomes.)

—E...

—O reservatorio rebentou, queimando-se terrivelmente nas mãos.

—Como devia ter soffrido a pequena!...

—Isso nas mãos não é nada: cobrem-se com umas luvas para parecer bonita. Mas a cara...

—Então, tem alguma coisa na cara?

—Uma estilha de vidro arrancou-lhe um pedaço da face. E a pequena vae ficar horrenda quando se curar! Ella, que era formosa como os anjos! Como quer a Irmã que ella encontre um marido?

—Ainda lá não chegou: o principal é que fique curada. Obrigada pela informação, irei já a casa da snr.<sup>a</sup> Martin. Até á vista!

E Soror Santa Clara partiu açodada para os seus affazeres.

Sahida d'uma familia d'industriaes, desdenhara da fortuna e das vantagens inherentes. Piedosa, caritativa, vira o seu destino no humilimo labor das Irmãs hospitaleiras.



Quatro annos da sua juventude estonteante, passara-os ella em cuidados desvelados e penosos dos desgraçados que o soffrimento acabrunha. Bruscamente, um decreto viera expulsal-a do posto de sacrificio escolhido, atirando-a para a vida mundana que ella julgára haver abandonado para sempre.

Mas, volvida ao seio da familia, continuara o seu trabalho de dedicação, de sacrificio, nos casebres lobregos da miseria.

Por vezes, visitante obscura, ia consolar um chefe de familia agrilhado ao catre d'um hospital d'onde um odio macabro havia escorraçado os habitos religiosos. Assim lográra a estima dos medi-

denhosas, alcançou a habitação onde pernoitava a snr.<sup>a</sup> Martin e a sua *ninhada*.

Contrariamente ao costume, ruido algum se ouvia. Nem a gritaria das creanças, nem recriminações da mãe atarefada. Tão profundo silencio presagiava grande dôr. Com o coração trespassado de angustia, Soror Santa Clara apressou o passo, e abriu a porta da pequena casa.

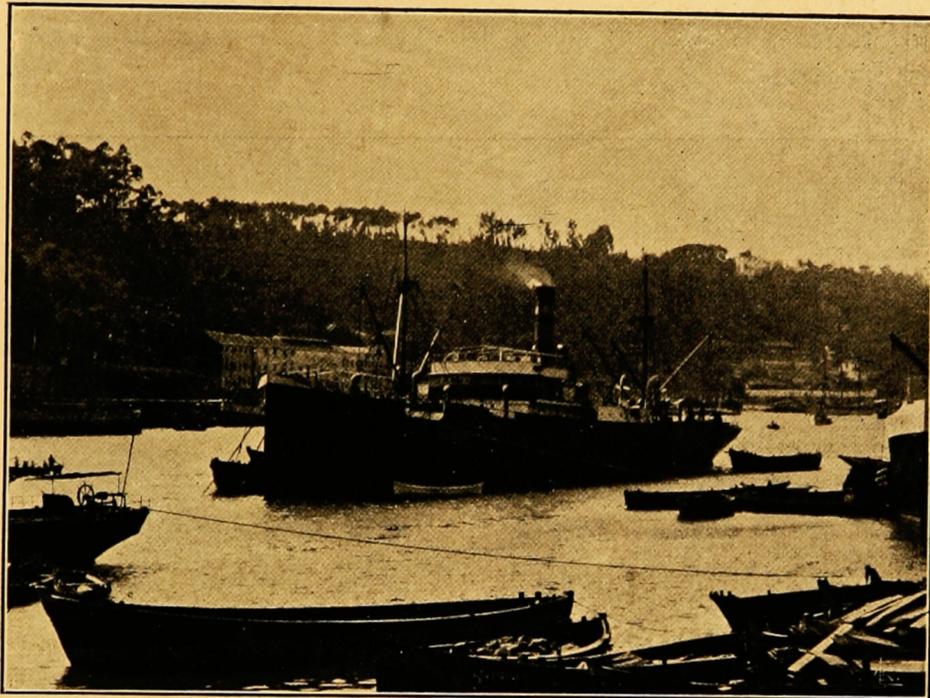
Avergada sobre a unica cadeira da salêta, a mulher, com a cabeça occulta nas dobras do avental, soluçava convulsivamente, todo o magro corpo agitado em sobresaltos. Proximos d'ella, agrupados timidamente, seus filhos, n'uma apavorada mudez, não ousavam mecher-se, tanto assombrava as suas almas tenras, a attitude de sua mãe.

Ao abrir-se a porta, a snr.<sup>a</sup> Martin, ergueu o olhar. Quando reconheceu a recémvinda, o seu desgosto, a sua dôr resfolegou em gritos tumultuosos.

Mas Soror Santa Clara, conservava a sua calma perante este diluvio de lagrimas sangrentas, e em breves palavras atenuou a crise de desespero que agitava a pobre mulher.

—Vejamos, disse ella logo que pode fazer ouvir-se, não se perdeu toda a esperanza. Queimaduras, curam-se depressa. Sua filhinha é robusta e ha-de restabelecer-se rapidamente.

—Oh! minha Irmã, não são nada, as queimaduras. Os medicos do hospital dizem que não ha perigo nenhum. Mas a face

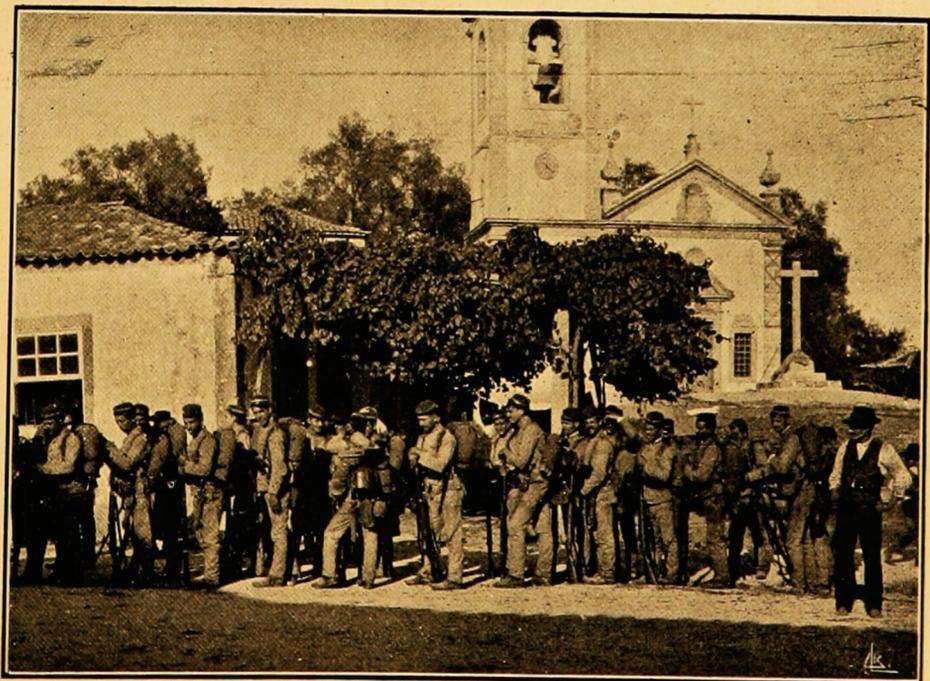


**PORTO — O vapor «Lisboa» onde ultimamente se deu um grande incendio a bordo**

(Cliché de J. d'Azevedo).

cos, vira crescer, desabrochar para si, a affeição do povo que, apesar de haver retomado o appellido de familia e leigos trajes, continuava a chamar-lhe Soror Santa Clara.

N'aquella manhã, depois de ter levado o seu obulo a um velho enfermo, cujo quarto illuminára com sorrisos, Soror Santa Clara não demorou a visita. Installado o doente n'um leito apropriado, bem munido de jornaes com que afogaria o tédio, a Irmã correu para o bairro operario. Transpondo charcos de lama, acarinhando as creanças que n'elles patinavam, respondendo amavelmente aos bons-dias das creadas, saudando até aquellas que, por fanfarronada, a miravam des-



**ESCOLAS DE REPETIÇÃO—Prado. O regimento de infantaria 29 em frente á capella de S. Sebastião**



d'ella! Mordida, arrancada toda d'um lado, como se a tivessem aplainado...

—E' preciso dar graças a Deus, por haver conservado a vida a sua filha, snr.<sup>a</sup> Martin. Poderia havel-a chamado a Si, com tão terrivel accidente.

—Teria sido melhor!

—Blasphema!

—Mas attenda bem, minha Irmã! Uma creança tão linda desfigurada! Como quer que ella se case, assim, com um rosto despedaçado. Uma rapariga solteira, n'esta vida, só é bôa para morrer á fome.

—E eu? não sou tambem uma rapariga solteira?

—Oh! mas a Irmã, tem fortuna e é muito sympathica, póde vencer em qualquer occasião. Mas a minha filhinha? Ah! que o bom Deus poderia le-

Mostrando o bilhete que recebera, o operario obteve passagem do carrancudo porteiro. Conduziram-os para o salão, onde, sobre um pequeno leito, a creança gemia sob a pressão das fexas dos seus pensos. O medico aguardava-os, rodeado por alguns estudantes. Ao verem Soror Santa Clara acompanhando gente tão miseravel, estes ultimos, rapazes ricos da cidade, tiveram um riso ironico. Mas a Irmã parecia que os não vira, respondendo apenas á cordeal saudação do clinico.

—Mandei chamal-os, disse o doutor, em primeiro logar para os serenar. As queimaduras são graves, mas curaveis. Sua filhinha sahir-se-ha bem. Resta a ferida da face.

Vae deixar um sulco profundo que desfigurará a pobre creança, a menos que...

—A menos que?... repetiu a desolada mãe anciosa.



PRADO—O regimento de infantaria 29 preparando-se para partir

(Clichês de J. S. Gaimarães).

val-a, e eu já não ficaria maguada. Agora nunca mais a poderei fitar...

—Vae vê-a agora?

—Vou, o medico pediu que eu e meu marido, fossemos ao hospital, logo depois da sua visita aos clientes. Alguma desgraça nova a conhecer!

—Acompanhal-a-hei, snr.<sup>a</sup> Martin!

E assim é que a bôa mulher, depois de confiar a *ninhada* a uma vizinha, partiu para o hospital ao lado da joven religiosa.

O pae, um tecelão, esperava-as deante do portal. Bem quiz bravatar um pouco, para mostrar e justificar a sua fama de espirito forte, mas os olhos de Soror Santa Clara focavam-n'o tão simples e brandamente que elle retirou, contrafeito, o rôto chapéu que lhe cobria a fronte pallida.

—Alguem consinta em prestar-se á operação da enxertia humana.

Este termo espantára o casal, mas não fôra por elle comprehendido. O operario olhou para sua mulher, depois para o medico, e, alçando os hombros, perguntou, desconfiado:

—O que é essa operação? Alguma experiencia que o snr. quer fazer com prejuizo para nossa filha? Não o quero: nem, por sermos pobres, nos devem considerar como carne de amphiteatro.

O medico ia a irritar-se com esta reflexão brutal e a mandar embora pura e simplesmente o insolente, quando Soror Santa Clara se adeantou.

—Meu amigo, o que o doutor lhe propõe não é de forma alguma uma experiencia. Quando por



aqui estava, via fazel-a muitas vezes, e sempre com alegria para todos.

—Mas o que é? inquiriu ainda a mulher, mais confiada pela affirmação da sua caridosa companheira.

—Uma operação muito simples: tirar carne a um individuo são para com ella substituir a que falta ao ferido.

—Então, minha filhinha voltaria a ser tão linda como d'antes?

—Palavra, que sim, responde o doutor, a quem tal conversa divertia. Isto vae fazer-lhe talvez mais uma covinha, mas ambas as faces ficarão eguaes.

—Então, disse a mãe, póde fazer de mim o que quizer, estou á sua disposição.

—Não, declarou o operario, serei eu!

E começavam de questionar, quando, n'um gesto, o medico lhes impoz silencio:

—Inutil, disse elle n'um tom um pouco triste, não sei se posso tentar essa operação... n'este momento. Sua filhinha ainda tem febre... os snrs. estão incommodados. E' preciso calma, que diabo, é preciso calma!...

Os olhos claros da joven secularizada adivinhavam n'ó, habituados a lerem os seus pensamentos. Elle curvou-se para ella, e, baixinho, accrescentou:

—Alcoolicos ambos, a chaga do povo!

Soror Santa Clara teve um estremecimento de horror, ante aquella retirada da sciencia. Os pobres paes não ousavam crêr n'uma renuncia, perguntavam a data possivel da operação.

—Será mais tarde, mais tarde! respondia evasivamente o medico.

Mas a um canto do salão, sob a sua ampla capa, Soror Santa Clara tremia.

Depois, repentinamente, rosada, avançou para o medico e, estendendo-lhe o braço nu, bello na firmeza das carnes sãs, disse-lhe :

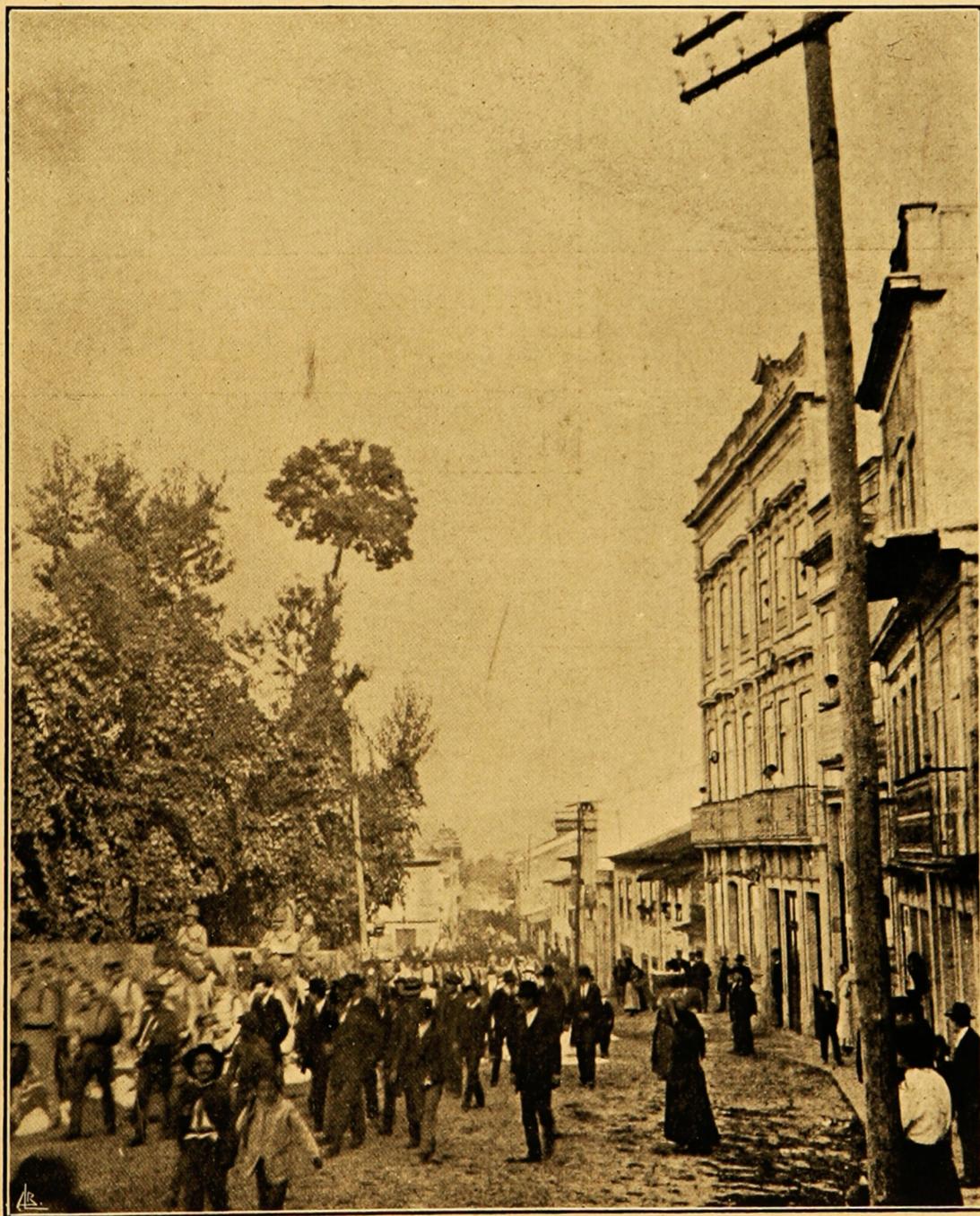
—Tire d'aqui o que é preciso, doutor, ainda ficará bastante com que sirva os pobres.

O doutor teve um sobresalto de espanto e quasi de indignação. Esboçou um gesto de recusa. Mas perante a attitude firme e decisiva de Soror Santa Clara submetteu-se e respeitosamente se inclinou.

Atraz do mestre, os estudantes sarcasticos sentiam a sua ironia esvair-se, e lagrimas perlavam as palpebras. Elles tambem, profundamente revolvidos pelo sacrificio, prestavam homenagem áquelle soberbo exemplo de amor ao proximo, de caridade christã!

ELSE.

□□□□



Passagem do regimento de infantaria 29 em S. Jeronymo de Real

(Cliché do snr. Americo F. da Silva).





VIANNA DO CASTELLO—O regimento de infantaria 29 na freguezia de Darque

(Cliché do phot. amad. Eusebio Rocha).



BRAGA—Regresso do regimento de infantaria 29. O povo assistindo á sua chegada



## A casa dos meus avós

(INÉDITO)



*N*ão é castello, ou torre alevantada  
No cume d'algum monte pedregoso,  
Nem palacio, de marmore, ostentoso,  
De meus avós a secular morada.

Alli não existiu barão famoso  
Que fosse antigo chefe de mesnada,  
Ou almirante de indiana armada,  
Que voltasse opulento e glorioso.

Mas lá tiveram na campestre lida  
Meus avós a pacífica existencia  
Dos que a ambição não morde, nem abraça.

Ai que invejavel, venturosa vida  
De quem na placidez da consciencia  
Nasceu, viveu, morreu n'aquella casa!

Timpaia — agosto de 1913.

A. D'AZEVEDO C. BRANCO.

## Fastos do Catholicismo

### A Bulgaria encaminha-se para o catholicismo.

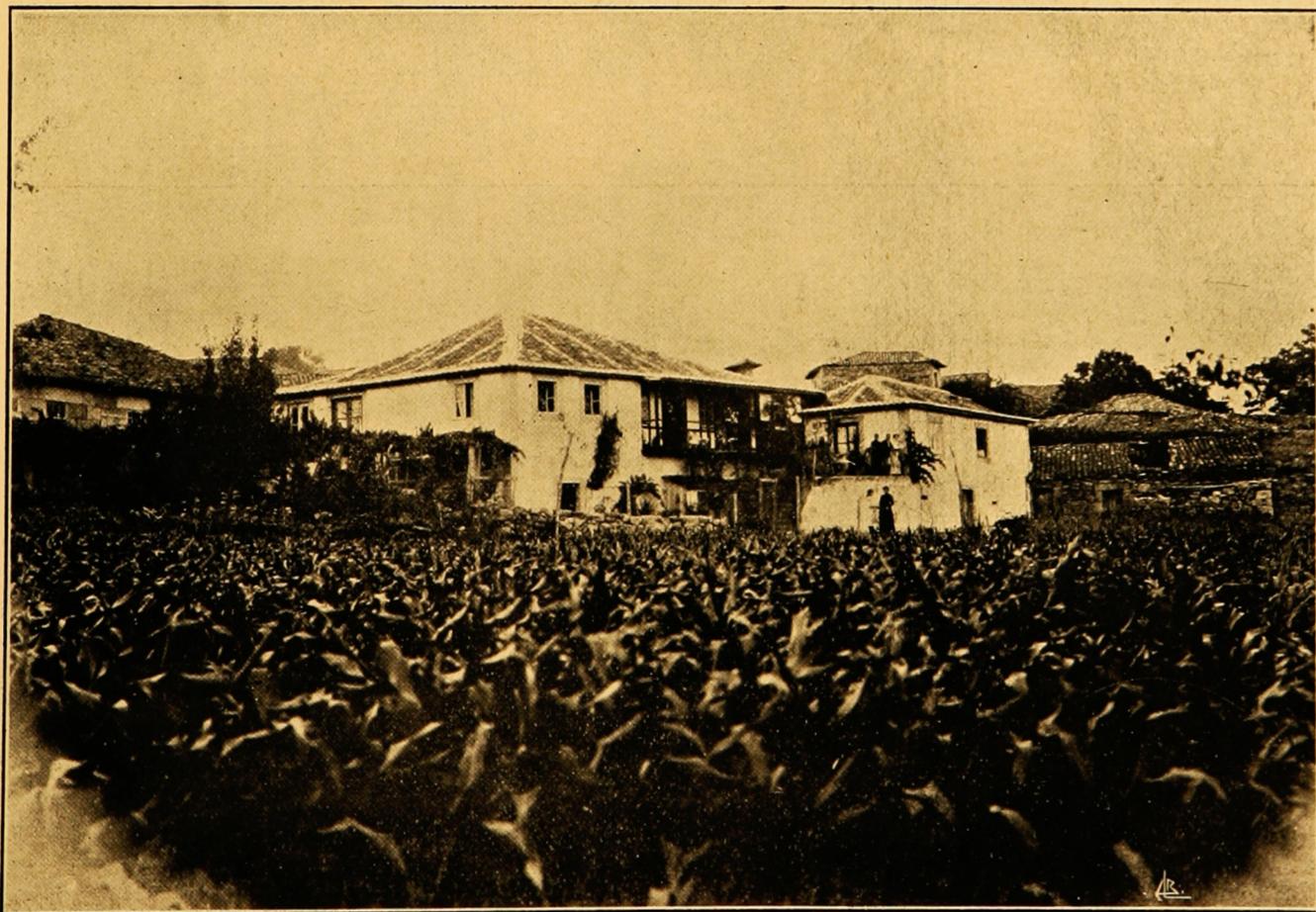
E' muito consolador registrar o movimento que se desenha na Bulgaria em favor do catholicismo. Os bulgaros, indignamente illudidos pela Russia schismatica, que posterga as suas aspirações, e perseguidos pelo *Phanar* Constantinopolitano, acabam por reconhecer que sómente a verdade os livrará.

A tendencia de liberdade, e de igreja nacional que a Bulgaria mostra, e que tem parecido a maior difficuldade para o imperio do catholicismo, é hoje a melhor garantia de Roma. Ao passo que os gregos *orthodoxos* lhe impõem a lythurgia hellenica, e o Santo Synodo os força á lingua e ceremonias slavas, o Papa concede-lhes o uso do bulgaro e cerimonial proprio, segundo o rito de S. Cyrillo e Methodio.

### Congresso de esperantistas

Realisou-se em Roma o congresso internacional esperantista, com exito memoravel. N'elle, o rev. Padre José Planas, delegado dos barcelonenses, propoz se proclamasse padroeira dos esperantistas a Virgem da Esperança, titulo.

A ideia, muito feliz, por ser *L'Espero* o hymno do esperantismo, e d'este provir o proprio nome, foi recebido com grande applauso.



SAMARDÃ—Casa onde foi educado Camillo Castello Branco



# Espinho--A festa da Senhora da Ajuda



A capelinha de Nossa Senhora da Ajuda



Um aspecto da concorrência de forasteiros





A procissão]



O andor de Nossa Senhora da Ajuda





O povo assistindo á passagem da procissão



O pallio sob o qual é conduzido o Santo Lenho

(Clichés de S. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



# PRAIA D'ANCORA-Festa da Senhora da Bonança

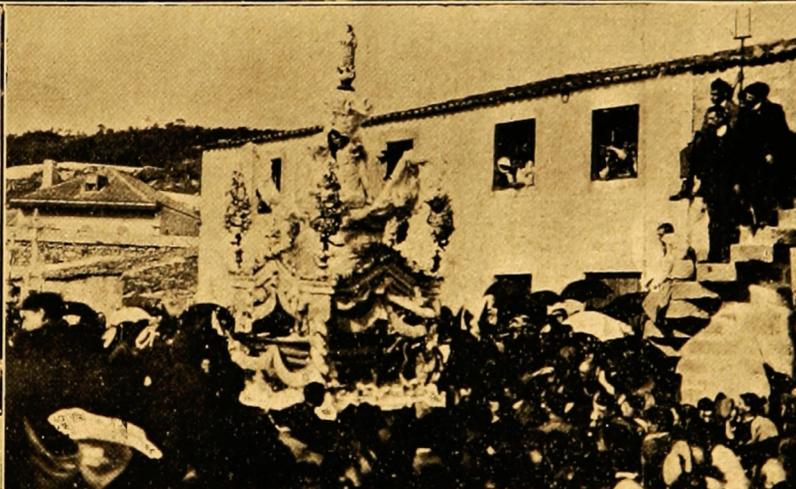


1—O povo aguardando a chegada da procissão.

2—Na praia a Imagem volta para o mar.

3—Aspecto das ornamentações e a capelinha onde se venera a imagem de N. Senhora, cuja tradicional festa chama àquella praia milharres de forasteiros.

(Clichês do phot. amad. sr. Manuel Affonso).





LOURDES—Peregrinos brasileiros que ultimamente visitaram a Virgem de Lourdes seguindo depois para Roma a levar aos pés de SS. Pio X o testemunho do seu amor filial

Acompanham os peregrinos os seguintes prelados: *O Eminentissimo Cardeal Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, que por um ligeiro incommodo de saúde ficou retido em Paris. — D. Jeronymo da Silva, Arcebispo de S. Salvador da Bahia, primaz do Brazil. — D. Severo Pimenta, Arcebispo de Marianna. — D. Francisco da Silva, Bispo do Maranhão. — D. Francisco de Assis, Bispo de Porto Alegre. — D. Manuel de Oliveira Lopes, Bispo de Alagoas. — D. Augusto Alvaro da Silva, Bispo da Floresta. — Juntamente com o episcopado brasileiro vê-se o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Beja, que a convite do Snr. Arcebispo da Bahia, tomou parte nos actos religiosos.*

